



## **EXPERIÊNCIA DO PROJETO COLABORATIVO EM UMA ESCOLA PÚBLICA: BULLYING NÃO É DIVERTIDO: SOMOS TODOS IGUAIS NAS DIFERENÇAS**

MARIA VIRGINIA DOS SANTOS SOUZA

GILMARA ALBUQUERQUE DA SILVA

LUCICLEIDE ARAÚJO RODRIGUES

MIKAELA ALVES PEQUENO

*Universidade Estadual da Paraíba, [professoravirginiasouza@gmail.com](mailto:professoravirginiasouza@gmail.com)*

**Resumo:** Este artigo trata de relatar como foi a experiência de elaborar e apresentar um projeto colaborativo em uma escola pública de Campina Grande, durante o Estágio Supervisionado II do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba. O projeto intitulado “Bullying não é divertido: somos todos iguais nas diferenças” teve a finalidade de contribuir para a construção de um ambiente onde as diferenças sejam trabalhadas e respeitadas, num clima de participação, onde todos os sujeitos da escola, a gestora, professoras, alunos ou demais funcionários, estabeleçam relações mediadas pelo diálogo, contrárias, portanto, às práticas de bullying. Para análise da experiência, abordaremos a apresentação do projeto, os conteúdos estudados que embasaram o trabalho, as observações que foram feitas durante o estágio e a percepção dos alunos quanto a esse fenômeno discutido. Na tentativa de dialogar sobre o assunto e promover um espaço mais acolhedor e participativo, temos como justificativa a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o tema, buscando fundamentos teóricos que ajudem na identificação de práticas dessa natureza, sensibilizando e exemplificando as várias formas que este problema pode assumir, destacando também a necessidade de a escola compartilhar com a família para construir soluções viáveis de enfrentamento ao referido problema com o objetivo de contribuir para a construção e conservação de um ambiente democrático em que os sujeitos da escola, possam estabelecer elos de confiança e respeito na vivência de uma cultura de paz, dentro e fora do contexto educacional. Além disso, falaremos sobre o teatro de fantoches, que sendo utilizado como metodologia, tornou a apresentação mais lúdica.

**Palavras-chave:** Experiência, projeto colaborativo, escola, bullying..



## **Introdução**

Ao estudar o *bullying* como um fenômeno que vem se tornando cada vez mais evidente, através de estudos e divulgação sobre o tema, face ao aumento da incidência desse tipo de prática e se tratando do âmbito escolar, ele pode se manifestar de várias maneiras, desde uma simples “brincadeira” de mau gosto, até mesmo em atos violentos mais agressivos. Por isto torna-se importante discutir a temática, para que se possa contribuir para um ambiente melhor.

Este trabalho relata a experiência vivida no Estágio Supervisionado II que oportunizou a elaboração e apresentação de um projeto que visou tornar possível o diálogo, a participação e a paz como pilares de uma escola sem a prática do *Bullying*.

Tendo em vista os problemas que podem ser encontrados em um ambiente escolar, quando este tem incidências de *bullying*, objetivamos a apresentação de um breve histórico sobre o reconhecimento da prática do *bullying* e da origem desse termo; a análise do papel das relações na manifestação do *bullying*; a discussão sobre as práticas de *bullying* no contexto educacional, suas consequências e possíveis medidas de prevenção e enfrentamento; e a sensibilização dos alunos, por meio do Teatro de Fantoches, quanto a “brincadeiras” que possam acarretar práticas de *bullying*.

## **Metodologia**

Por se tratar de um relato de experiência, o desenvolvimento deste artigo foi feito a partir da observação, elaboração e apresentação do projeto colaborativo em uma escola pública de Campina Grande.

## **Resultados e discussão**

### ❖ BREVE HISTÓRICO SOBRE O BULLYING

Segundo Guareschi e outros (2008, p. 15), por volta dos anos 1970, ainda não era dispensada a devida atenção ao *bullying*, mesmo sendo um problema já conhecido por professores e educadores. Entretanto, foi nesse mesmo período que ascendeu o interesse da sociedade por tal problema e suas consequências.

A Suécia foi o primeiro país a dar início à mobilização voltada para esse problema, sendo seguida posteriormente, por outros países.

O pesquisador Dan Olweus, como relata Guareschie outros (op. cit. p. 16), graças às suas pesquisas, foi o pioneiro na criação de critérios de identificação desse fenômeno, objetivando



distinguir o *bullying* de outras práticas. Os estudos por ele realizados na Universidade de Bergen, na Noruega, entre 1978 e 1993, alcançaram grande repercussão, resultando numa campanha nacional, assumida pelo governo norueguês, obtendo a redução em 50% dos casos de *bullying* em escolas daquele país. Em 1982, um jornal da Noruega havia divulgado o suicídio de três crianças entre 10 e 14 anos, possivelmente por sofrerem *bullying*, por parte de colegas, no ambiente escolar.

Segundo Guareschi e outros (2008, p. 16), nos Estados Unidos passou a se dar grande importância ao *bullying*, em virtude da crescente incidência dessa prática em escolas americanas. Já no Brasil, o *bullying* ainda é pouco estudado, por esse motivo torna-se impossível obter uma visão global do fenômeno, o que permitiria estabelecer comparação com outros países. De acordo com o autor, a única coisa que se pode afirmar é que, em relação aos demais países, estamos muitos anos atrasados, quanto à abordagem desse tema e às medidas de prevenção e redução.

#### ❖ ORIGEM DO TERMO BULLYING

O termo *bullying* origina-se da palavra inglesa *bully*, que, como substantivo refere-se a valentão, tirano e, na condição de verbo, significa brutalizar, tiranizar, amedrontar. Como prática, o conceito de *bullying* diz respeito a toda e qualquer forma de atitude agressiva intencional, executada dentro de uma relação desigual de poder, que torna possível a intimidação da vítima.

#### ❖ O BULLYING NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

De acordo com Guareschi e outros (2008, p. 34), muitas vezes a prática pedagógica se constitui numa prática autoritária, carregada de violência simbólica, um tipo de *bullying* específico.

No contexto das práticas pedagógicas o autor destaca duas principais matrizes pedagógicas, que servem como base para o trabalho docente, sendo elas: a matriz comportamental e a matriz dialógica. Segundo o autor, na matriz comportamental a aprendizagem acontece através de estímulos positivos e negativos veiculados pelo professor, utilizando-se dos conteúdos curriculares, que determinam o conhecimento do aluno mediante um processo de imitação e repetição, baseado no estímulo-resposta. É a chamada educação “bancária”, como denominou Freire (apud GUARESCHI, p. 36), que confere ao aluno a condição de passividade frente ao conhecimento, de



submissão às relações de poder estabelecidas na divisão social do trabalho presentes na organização escolar.

A segunda, denominada matriz dialógica ou dialogal, revela-se em práticas que permitem o estabelecimento de uma comunicação entre sujeitos em igualdade de posições. O professor não é visto como sendo superior, o detentor do saber, pois o aluno é considerado também portador de saberes, capaz de construir conhecimento. O professor é aquele que pergunta para provocar o diálogo. Para que o diálogo se estabeleça é necessário o respeito ao mundo, ou à realidade do outro, o que exige “uma mudança profunda de atitudes” [...] “Um sistema autoritário não suporta uma prática educativa dialogal”... (op. cit. p. 44).

Logo, é necessário que o professor assuma o compromisso consigo mesmo, com a sua escolha profissional e com seus educandos.

#### ❖ TIPOS DE BULLYING

As atitudes que configuram o *bullying* não estão somente restritas às ações físicas diretas por parte do agressor, mas ocorrem também de forma indireta, isto é, na ausência das vítimas, nesse sentido os autores arquitetam situações para provocar discórdia, isolamento de alguns e discriminação, através da propagação de fofocas, mentiras e difamações. Confirmando o que Lopes Neto e Saavedra (2003, p.18) descrevem sobre a prática do *bullying*, como...

[...] ações diretas: por sua vez, subdivididas em físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidos, insultos, atitudes preconceituosas) e as ações indiretas (ou emocionais): relacionam-se com a disseminação de histórias desagradáveis, indecentes ou pressões sobre outros, para que a pessoa seja discriminada e excluída de seu grupo social.

Dessa forma, inferimos que os casos de *bullying* estão teoricamente ligados a um histórico de agressões e violência. O *bullying* físico corresponde cerca de 30% dos casos registrados e o verbal responde por 46,5% dos casos registrados como dessa natureza. Já os indiretos, que incluem difamação e xingamentos correspondem a 18,5% dos registros. Os outros casos são contabilizados pela alienação social, intimidação e o *cyberbullying*, que vem crescendo nos últimos anos, em razão da forte presença dos meios digitais na vida das



pessoas. (PORTAL ORIGINAL E EXCLUSIVO, 2014, *adaptado*).

Para Cleary (2002, p. 3-4), o *bullying* num contexto amplo, possui cinco características comuns:

É um comportamento deliberado (premeditado) para ofender e machucar; é repetitivo, frequentemente durante um período de tempo; para os agredidos, é difícil se defender; para os que agridem, é difícil aprender novos comportamentos socialmente aceitos; a pessoa que pratica o *bullying* tem e exerce poder de forma inapropriada sobre a vítima.

Para Guareschi e outros (2008), o *cyberbullying* é a prática atual mais sofisticada, ocorre através da internet e outras tecnologias, com o envio de mensagens, fotos ou informações por meios eletrônicos, sejam computadores ou celulares, objetivando ridicularizar, humilhar, intimidar e ameaçar a vítima. Esta violência virtual pode parecer inofensiva, mas é capaz de gerar os mesmos tipos de consequências que outras formas de *bullying*, como se constata no relato que se segue:

Uma estudante de direito narra como foi vítima dessa prática. Ela era discriminada na escola, sendo chamada de baleia, monstro do mar, entre outros apelidos. Esta discriminação continuou através da internet, na qual ela sofreu ameaças contra sua integridade física e também contra seu patrimônio (GUARESCHI *et al.*, 2008, p.53).

Existem medidas que se podem realizar para combater este tipo de agressão. Ao menor sinal deste tipo de agressão, tenhamos em mente reportar o abuso (principalmente no campo destinado a essa ação que existe no fim das páginas de internet), não compartilhar dados pessoais e imagens que revelem sua intimidade ou rotina, alterar sempre a senha e o acesso das suas redes sociais, a fim de evitar invasores, bem como é importante que, caso aconteça, guarde as mensagens que configurem *cyberbullying*, de modo que funcione como argumento e provas, caso haja intervenção de entidades especializadas.

É importante ressaltar que o *bullying* não é frequente apenas no ambiente escolar, mas sim em qualquer ambiente em que haja relações



interpessoais. O assédio moral, ou “*mobbing*” é um comportamento violento nos locais de trabalho, entre adultos. São cometidos por meio de amedrontamento, humilhação, intimidação, e assédio psicológico, ocasionando uma série de consequências emocionais que irão repercutir diretamente na relação da pessoa com seu trabalho, acarretando em baixa produtividade além de disfunções emocionais severas.

#### ❖ CONSEQUÊNCIAS DA PRÁTICA DE BULLYING

Quando nos referimos ao fenômeno *bullying*, nos preocupamos somente com os possíveis efeitos para os envolvidos diretamente na situação, sejam, as vítimas, os agressores e/ou que presenciam a prática. Porém, há um equívoco nessa visão, pois a prática de *bullying* produz consequências para as vítimas, agressores, testemunhas e para todo o ambiente escolar que, de certa forma, é envolvido e acaba sendo afetado tanto quanto os indivíduos, assim sendo, atinge a todos, direta ou indiretamente.

Guareschi e outros (2008, p. 62), enfatizam que o ambiente escolar, na sua totalidade, é responsável pela educação, “visto que proporciona um vasto universo de simbolizações, promovendo a constituição da subjetividade e a construção de identidades, além do processo educacional formal”. Mediante o exposto é perceptível a responsabilidade que é conferida ao ambiente escolar, devendo este ser capaz de proporcionar um desenvolvimento que abranja todos os níveis da constituição humana.

Em se tratando da prática de *bullying*, enquanto não há intervenções e prevenção por parte da escola e da família, o ambiente escolar torna-se propício a diversas práticas que serão abordadas a seguir.

Na prática do fenômeno *bullying* existem papéis estabelecidos, como esclarece o autor (op. cit. p. 63), “cada personagem participante tem uma função reconhecida dentro do fenômeno, bem como consequências específicas para cada papel”. Nesse contexto, parte-se do pressuposto de que as consequências do *bullying* repercutem conforme o jeito de ser de cada um. Se o aluno que sofre *bullying* for tímido, possivelmente este não pedirá ajuda, deixando-se vencer pelo medo, pela insegurança, pois, geralmente é portador de baixa auto-estima, que acaba acentuando-se mais ainda.

O sofrimento causado pelo bullying pode favorecer a manifestação de transtornos emocionais, problemas psicossomáticos, sintomas de depressão, ansiedade, pensamentos suicidas e vergonha de ir à escola, às vezes, o aluno vai ou volta chorando. Somando-se a isto, o mesmo pode perder o interesse pelas questões



relativas aos estudos, por não se achar bom para integrar o grupo, desencadeando uma situação de fracasso escolar, que é uma de suas principais consequências. De acordo com uma pesquisa da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA), publicada na Revista Nova Escola (2010), 41,6% das vítimas nunca procuram ajuda ou falam sobre o problema, nem mesmo com os colegas. Em alguns casos pode ainda acontecer de a vítima chegar a concordar com o agressor, concluindo que: "Se sou gorda mesmo, por que vou dizer o contrário?".

Sintomas psicossomáticos são comuns em vítimas de *bullying*. Conforme destaca Bandeira (*apud* LAMARCA 2013, p. 10), são evidentes queixas a respeito de dor de cabeça, cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas, diarreia, boca seca, palpitações, alergias, crise de asma, sudorese, tremores, sensação de nó na garganta, tonturas ou desmaios, calafrios, tensão muscular, formigamentos e outros, podendo ocorrer esses sintomas isoladamente ou em multiplicidade, causando além de desconforto, prejuízos nas atividades cotidianas do indivíduo.

Com relação aos agressores na prática de *bullying*, ao contrário do que se poderia pensar, esses também sofrem as consequências, alguns estudos indicam que os mesmos podem encontrar-se "às portas das condutas criminais". Assim como afirma Fante (*apud* GUARESCHI *et. al.* 2008, p. 65):

No que se refere ao âmbito escolar, o agressor não se adapta aos objetivos escolares e internaliza uma supervalorização da violência como forma de obtenção de poder, podendo desenvolver habilidades para futuras condutas delituosas, como uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos e a crença de que deve levar vantagem em tudo.

Um fator preponderante na prática de *bullying* por parte das crianças agressoras, diz respeito à existência de um modelo de referência de violência na própria família, comportamento esse que, na época da escola, sinaliza para a possibilidade de na vida adulta se converter em atos de delinquência ou crime.

Portanto, comparados aos indivíduos que foram vítimas do bullying, os agressores sofrem tanto quanto, já que os efeitos da prática irão provavelmente interferir na vida adulta dessas pessoas, promovendo dificuldades de relacionamento no trabalho, na família e no âmbito social (*op. cit.* p. 66).



De um modo ou de outro, o agressor vai sofrer consequências, chegando, futuramente a sentir a sensação de que nenhum esforço vale a pena na construção de relações positivas.

Inúmeras são, também, as consequências existentes para o ambiente onde ocorre a prática de *bullying*, sobretudo se tratando do ambiente escolar, o qual tem grande influência no desenvolvimento do indivíduo. Percebe-se nesses ambientes, níveis elevados de evasão escolar, tanto pelas vítimas, quanto pelas testemunhas que presenciam essa prática e temem aqueles que são os autores desses atos. No entanto, esses autores (op. cit., p. 67), apontam que, fugir das agressões e deixar o ambiente escolar, provavelmente não resolverá os referidos problemas, pois esses indivíduos já carregam consigo os efeitos do *bullying*, que os acompanhará no decorrer de suas vidas, e, quanto ao agressor, este possivelmente irá escolher outra pessoa para ser seu próximo alvo.

Nesse cenário, são também constatadas repercussões na relação professor-aluno, pois, os alunos agressores por não internalizarem a questão da ética e respeito ao outro, acabam desrespeitando o professor. Nos últimos tempos têm sido diagnosticadas doenças, que têm acometido os professores, impossibilitando-os de permanecer no exercício da profissão, a exemplo do estresse, da depressão, insônia, irritabilidade e, mais recentemente, a Síndrome de Burnout,

Sabe-se que a prática característica de um ato violento, não ocorre somente no ambiente escolar, atinge os envolvidos em todos os níveis e perpassa o cotidiano escolar, acompanhando o indivíduo pela vida a fora. Desse modo, o *bullying* pode continuar existindo em locais de trabalho entre adultos, resultando no chamado “*mobbing*”, ato de violência não física, já destacado anteriormente, que atinge além dos indivíduos envolvidos, o próprio ambiente de trabalho. Tratando-se de outras instituições, poderá ocorrer uma queda da produtividade e do lucro, pois o grupo perde sua coesão, ou por outra, as pessoas não conseguem se manter no emprego, verificando-se uma acentuada rotatividade por parte dos trabalhadores.

#### ❖ COMO PREVENIR E EVITAR A PRÁTICA DE BULLYING NA ESCOLA

Com o aumento das incidências de práticas de *bullying* e as proporções que elas vêm assumindo, torna-se indispensável uma postura que seja contrária a esses atos e atitudes que podem acarretar danos irreversíveis na vida de uma pessoa. Com base nos teóricos utilizados neste trabalho, torna-se evidente quanto este problema é complexo e exige a devida atenção. Por isso, faz-se necessário compreender o fenômeno



para poder adotar medidas de redução dessa ocorrência, através de uma prevenção cuidadosa e eficiente. Nessa perspectiva, cada escola deve pensar coletivamente as relações que nela se desenvolvem, revendo as posturas e valores assumidos para definir estratégias que visem o combate a esse tipo de violência, considerando o contexto social em que a instituição está inserida.

O comprometimento de todos os que compõem a comunidade escolar é fundamental e imprescindível para que seja possível investir em práticas que contribuam para a construção de um ambiente propício às relações de amizade, respeito e cuidado com o outro, favorecendo desse modo, a redução de ações violentas no ambiente educacional.

No entanto, tomar consciência das relações desenvolvidas pelos sujeitos do processo educativo na escola, não é algo tão simples assim, porque exige mudanças individuais, bem como, o envolvimento e contribuição de todos, como destaca Guareschi e outros (2008, p. 76):

Essa é, talvez, a questão mais difícil, pois não é simples arrancar da mente, do coração, das palavras e ações, os pressupostos de uma pedagogia vertical, com imposição de saberes. Cremos que se deve ter coragem e ousadia para provocar discussões com os educadores que ponham em pauta essa realidade [...] deve-se, talvez, partir para procedimentos indiretos, como sugerir que os alunos reproduzam em forma de dramatizações (como sociodramas, psicodramas etc), a maneira como são dadas as aulas e como eles percebem o papel e o tipo de relações que os professores costumam exercer costumeiramente.

Os elos estabelecidos nas relações baseadas na compreensão e respeito são considerados o caminho para os educadores que desejam, de fato, uma aproximação com os alunos a fim de construir e conservar um ambiente de convivência salutar. Afinal, “os educadores têm de ter a humildade e a coragem de reconhecer que as práticas de *bullying* podem também se originar das próprias práticas pedagógicas por eles exercidas” (GUARESCHI et al., 2008, p. 76).

Nessa perspectiva, a escola deve priorizar práticas que proporcionem a conscientização e participação dos alunos em projetos de erradicação do *bullying*, que promovam jogos em grupo e rodas de conversas, de modo a contribuir para que os mesmos compreendam em que consistem as práticas de *bullying*, identificando-as, ao



invés de confundi-las com brincadeiras. De acordo com esses autores a escola deve também procurar o apoio da família e de outras instituições, a exemplo de centros de saúde, conselhos tutelares e redes de apoio social, bem como, mobilizar todos os funcionários (coordenadores, professores, equipe de apoio) para que fiquem atentos aos comportamentos representativos da prática de *bullying*.

A colaboração da família nesse processo é fundamental e decisiva no que diz respeito a práticas contrárias ao *bullying*, tendo em vista que, muitas vezes, é no meio familiar onde são ensinadas, pelo exemplo, atitudes de submissão ou de agressividade. A atenção e afetividade, na medida adequada, são fundamentais para o desenvolvimento psíquico saudável. Além de a família poder ajudar, observando o comportamento do filho para identificar a ocorrência de *bullying*, é preciso também que a escola promova a orientação necessária quanto aos cuidados a serem adotados pela família, após o conhecimento do problema, como alertam os referidos autores (op. cit.): não obrigar a criança a falar se esta não se sentir à vontade para fazê-lo; não aconselhar o filho a reagir com a mesma agressividade com a qual foi tratado; não mudar a criança de escola, dando-lhe a chance de enfrentar o problema e, sobretudo, não responsabilizá-la pelo ocorrido.

#### ❖ Análise da experiência

Diante do que foi exposto como teoria, apresentamos o projeto para turmas de 1º ao 5º ano, para uma equipe de professores e para a equipe técnica da escola, percebemos que o *Bullying* está mais presente do que imaginamos no contexto escolar, pois os alunos interrompiam as apresentações pra dizer coisas do tipo: “ Isso acontece comigo”, “meu coleguinha chamou a outra menina de burra também”, entre outros depoimentos.

Com isto pudemos perceber a relevância do assunto estudado e ver que buscando um ambiente seguro, saudável, unido e participativo o processo de ensino aprendizagem se torna cada vez mais plausível.

## **Conclusão**

Ao longo dos anos tentasse discutir sobre os tipos de violência que podem acontecer dentro da escola, o *Bullying*, como vimos é uma das mais sutis, mas que acarretam inúmeras consequências físicas ou psicológicas na vítima, além de consequências também para o



agressor.

Falar sobre *bullying* é essencial para que suas ocorrências diminuam dentro do ambiente educacional, por isso como respostas aos nossos objetivos, vemos que:

- Os estudantes reconhecem as práticas no seu dia a dia;
- Os professores trabalham o conteúdo em sala, através de regras de convivência;
- A escola promove uma cultura de paz, através dos eixos temáticos, além de promover o diálogo entre família e escola;

Para nós, como estagiárias foi uma experiência valiosa e enriquecedora, já que pudemos observar o cotidiano dos alunos e a partir dele colaborar de forma eficaz para a redução das incidências de *bullying* na escola.

## Referências

CLEARY, M. **Bullying information for schools**. Disponível em: < [http://www. police. govt. nz / advice / personal – and – community – advice / school – portal](http://www.police.govt.nz/advice/personal-and-community-advice/school-portal) >. Acesso em: 22 abr. 2017. Horário: 14:05.

GUARESCHI, P. A. et al. **Bullying: mais sério do que se imagina**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

LAMARCA, T. E. **A atuação do psicólogo frente ao bullying no contexto escolar**. Itaperuna/RJ: 2013. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Psicologia-A-ATUA%C3%87%C3%83O-DO-PSIC%C3%93LOGO-FRENTE-AO-BULLYING-NO-CONTEXTO-ESCOLAR.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017. Horário: 16:15.

LOPES NETO, A. A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572005000700006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006)>. Acesso em: 21 abr. 2017. Horário: 14:15.

MARINHO, G. C.; CAPUCHO, V. A.C. **Fenômeno bullying: prática pedagógica e violência escolar**. Disponível em: <<http://www.construirnoticias.com.br/fenomeno-bullying-pratica-pedagogica-e-violencia-escolar/>>. Acesso em: 20 abr. 2017. Horário: 15:30.



**NOVA ESCOLA.** Quais são as consequências para o aluno que é alvo de bullying. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1429/7-quais-sao-as-consequencias-para-o-aluno-que-e-alvo-de-bullying>>. Acesso em: 29 mar. 2017. Horário: 17:15.

**PORTAL ORIGINAL E EXCLUSIVO.** Lista completa de todos os tipos de *bullying*. Disponível em <<http://originaleexclusivo.com.br/lista-completa-de-todos-os-tipos-de-bullying/>>. Acesso em: 23 abr. 2017. Horário: 13:30.

QUINTANILHA, C. M. **Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying.** Rio de Janeiro: UERJ, 2011. Disponível em: <<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/cmq.2.2011.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2017. Horário: 12:15.